

# Como a educação pode combater o racismo?



Você sabia que o conceito de raça já foi muito contestado pelos cientistas e hoje sabe-se que, biológica e cientificamente, as raças não existem? Mas, infelizmente, é evidente que o racismo sim existe, pautado em uma ideia que pessoas podem ser superiores a outras simplesmente pelas suas características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo, cor dos olhos ou formato do nariz.

Nossa sociedade manifesta atitudes racistas em muitas situações, privando que diversas pessoas tenham acesso a oportunidades e assim contribuindo para a desigualdade no país, que afeta âmbitos econômico, de segurança, saúde e político. Os números do IBGE ilustram bem este cenário. Entre as pessoas que estão abaixo da linha de pobreza, 32% são pretas e pardas, frente a 15% brancas. Já nos índices de analfabetismo, 4% são pessoas brancas, enquanto os pretos e pardos representam 9%. E esse contraste chega até os cargos de poder, fazendo com que as decisões políticas não sejam suficientes para romper esse ciclo de desigualdade: no mercado de trabalho apenas 30% dos cargos gerenciais são ocupados por afrodescendentes, e na representação política, somente 24% são os deputados pretos ou pardos. Mas, por que isso acontece?



Muitos especialistas afirmam que esta situação se dá devido ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira, herança do colonialismo, quando os negros foram trazidos forçosamente da África e escravizados por mais de três séculos. Mesmo quando, em 1888, a abolição foi instituída, os antigos escravos não tiveram acesso a condições para que pudessem se posicionar na sociedade, como o direito de voto, educação e condições de trabalho adequadas. Esse conjunto de fatores históricos levam a que os negros, que são mais da metade da população brasileira (54,7% ), tenham mais dificuldades para conquistar condições de vida adequadas que as pessoas brancas.

Com a intenção de conscientizar a população sobre a inserção das pessoas negras na sociedade e a importância da influência africana na cultura brasileira, instituiu-se em 2003 que o dia 20 de novembro seria o Dia Nacional da Consciência Negra. E esta data não é por acaso, pois é o dia da morte de Zumbi dos Palmares, grande líder da resistência negra, no ano de 1695. Porém, a luta antirracista não deve se restringir a uma data, é necessário ações permanentes para amenizar efeitos do racismo estrutural e a educação, sem dúvida, é potencial para a consciência das pessoas.



## **Educação antirracista**

Não é possível falar de combate ao racismo sem pensar em políticas de ações afirmativas dentro da educação. A escola deve ser um espaço de enfrentamento e conscientização sobre atitudes racistas e que, muitas vezes, já estão normalizadas na sociedade, por meio de comportamentos sutis que não são facilmente identificáveis. Ela é um espaço para fomentar o pensamento crítico sobre fatos históricos, como isso se reflete nos dias atuais, que atitudes devemos cultivar e que ideias podem ser propostas para evitar situações de discriminação e desrespeito.

Com base nesse propósito, criou-se as Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08 que incluíram a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, e que estão incluídas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Mas infelizmente isso não garante uma educação propositiva antirracista. São necessárias ações coordenadas e permanentes para garantir o combate ao racismo, visto que infelizmente é na escola onde muitas crianças sofrem suas primeiras experiências racistas.

A seguir, você encontrará dois planos de aula, que podem ser aplicados de forma remota ou presencial. Esses planos são sugestões de como promover atitudes antirracistas com crianças em fase de alfabetização e já alfabetizadas. Para **1º e 2º anos**, a sequência didática propõe um exercício de autoconhecimento e aceitação à diferença, contribuindo assim para a construção da identidade pessoal dos alunos. A atividade será realizada por meio da construção de um mosaico da diversidade, formado por fotos de familiares dos alunos.

Para **3º, 4º e 5º anos**, os alunos são convidados a refletirem sobre a desigualdade racial por meio de duas obras plásticas e, em seguida, são estimulados a fazer um exercício de imaginação sobre como a história do Brasil poderia ser contada de outra forma.



## Referências:

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informações Demográfica e Socioeconômica nº 41. 2019. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)

MUNANGA Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

OSORIO Rafael Guerreiro. A Desigualdade Racial no Brasil nas três últimas décadas. IPEA. 2021. Disponível em [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/210611\\_td\\_2657.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/210611_td_2657.pdf)

Professoras e Professores,

Compartilhem conosco fotos e vídeos das atividades realizadas pelos alunos para inserirmos no site.

Enviem para: [equipe.pedagogica@grupoccr.com.br](mailto:equipe.pedagogica@grupoccr.com.br)